

Cristiano Ronaldo, uma Bola de Ouro contra o fatalismo português

Recomendar

0

Tweetar

1

8+1

0

EFE | LISBOA

13 JAN 2015

A terceira Bola de Ouro do português Cristiano Ronaldo é mais do que um simples prémio a um desportista, é uma reivindicação feita a si mesmo de alguém que se rebela contra o enraizado fatalismo do povo português.



O avançado português do Real Madrid, Cristiano Ronaldo, celebra um golo marcado. EFE/Arquivo

Elísio Estanque, sociólogo e professor da prestigiada Universidade de Coimbra, contou à EFE o impacto que o prémio de melhor jogador do planeta outorgado a Ronaldo tem na sua terra natal, um país com cerca de 10 milhões de habitantes com limitado peso na cena internacional.

A dedicação, a disciplina, o trabalho, a auto-exigência e a confiança em si próprio são os valores que o jogador formado no Sporting predica, enumerou o professor.

Embora se trate da conquista de um jogador, acrescentou, "pode ser importante noutras áreas da vida coletiva de um país que se sente um pouco à margem em período de crise".

Mas a conquista do atacante do Real Madrid tem ainda mais significado porque "desmitifica" a idiosyncrasia de Portugal, associada ao fatalismo, plasmado no estilo musical do Fado, a resignação -de origem religiosa- ou a desconfiança, que sucede de circunstâncias históricas de um país periférico em relação à Europa.

Ronaldo, José Mourinho e figuras da literatura portuguesa foram "exemplos que vão contra esse estereótipo, do português apático, atrasado, desconfiado, pessimista, resignado", expôs o professor, para quem estas imagens preconcebidas deixaram há muito tempo de corresponder totalmente à realidade portuguesa.

A ponto de completar 30 anos, o capitão da seleção portuguesa encarna além disso um "individualismo positivo" considerado um "traço secundário da cultura portuguesa", mais dada a "tutelas e a poucas independências", argumentou Estanque.

Noutras palavras, a Bola de Ouro de 2008, 2013 e 2014 é um homem feito por si mesmo que superou circunstâncias difíceis, um menino que nasceu no humilde bairro de Santo António no Funchal, capital da ilha da Madeira, num ambiente socio-económico duro.

Tão duro que a mãe de Ronaldo, Dolores Aveiro, chegou a pensar abortar aquele que acabou por se tornar no seu quarto e último filho, Cristiano Ronaldo, cujo segundo nome é em homenagem ao ator e posteriormente presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan.

A esse conceito de "self-made man" muito retratado pela cultura americana, une-se com firmeza à sua infância, tanto do ambiente familiar como o de amizades, um afínco que, nestes casos de êxito, nem sempre se mantém, pois, às vezes, tende-se à desvinculação de um passado de penúrias, de más memórias.

É de louvar a fidelidade e "dedicação a amigos e familiares, amigos da adolescência. Todas elas são provas de uma dedicação afetiva" notável, abundou Estanque.

No breve discurso em Zurique após receber na segunda-feira a Bola de Ouro, Ronaldo teve palavras para a sua mãe, Dolores, o seu filho, Cristiano Ronaldo Júnior, e o seu pai, Dennis Aveiro, falecido em 2005 .

Embora "a ambição extrema" de Ronaldo deva ser apreciada em perspectiva, sobretudo para os menores, propensos a imitar a pés juntos os seus ídolos.

Em Ronaldo "é certo que há algo de narcisismo, certa vaidade e propensão ao exibicionismo, que, por outro lado, também é um traço da sociedade atual", analisou.

Em todo caso, a contribuição de Ronaldo ao Portugal melancólico e pessimista é mais que positivo, insistiu Estanque, que lembrou "os ódios e as invejas" que a figura do jogador gera, tanto pela sua qualidade futebolística, como pelo seu privilegiado físico.

O próprio Ronaldo, como capitão da seleção portuguesa, tentou mostar um exemplo de otimismo, na última vez no Mundial do Brasil quando escondeu uma penosa lesão no joelho e defendeu que Portugal tinha opções de vencer o torneio.

"Se tivesse mandado uma imagem de pessimismo, acho que teria afetado os meus companheiros. Pensava que estava a fazer o melhor. O povo português é pessimista e, como capitão, optei por deixar essa imagem" de otimismo, reconheceu em entrevista no ano passado.

Antonio Torres del Cerro